

AQUI, AGORA – PERCEPÇÕES ACERCA DO ATO GESTUAL NO GRAFFITI.

GERSON MANZKE¹; KELLY WENDT ²; ANGELA RAFFIN POHLMANN ³

¹ Universidade Federal de Pelotas – manzkeart@outlook.com

² Universidade Federal de Pelotas – kelly.wendt@hotmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas - angelapohlmann@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este resumo apresenta um recorte da pesquisa que está sendo desenvolvida no curso de Mestrado em Artes, do Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), iniciada em agosto de 2023, sob orientação da professora Angela Raffin Pohlmann e coorientação da professora Kelly Wendt.

Neste trabalho, estabeleço uma correlação entre o ato de pintar na rua a partir do relato da experiência do Artista Banksy em seu catálogo intitulado *Guerra e Spray* (2012), em diálogo com as percepções do estado presente observadas na performance *Momento Vital*, da artista Vera Chaves Barcellos e a relação da atenção plena no Shodo, técnica da caligrafia japonesa.

A partir dessas reflexões, desenvolvi uma performance caligráfica intitulada *Borrar*. Nessa obra, investigo a relação entre o gesto caligráfico, sua materialidade perceptível e o momento presente de feitura em seu estado pleno.

A presente pesquisa parte da apropriação da técnica da caligrafia manual e da investigação do “espelhamento” destas técnicas na construção da escrita caligráfica com a mão esquerda. As soluções encontradas para demonstrar as manualidades envolvidas na produção de expressões caligráficas, permitem a observação de minúcias plasmadas a cada gesto. A partir do processo de construção dos signos visuais, e, de sua desconstrução, apresentam-se novos olhares sobre vestígios abstratos na fragmentação visual, convidando os espectadores a uma observação investigativa de cada ato sob a superfície.

Em seu catalogo intitulado *Guerra e spray* (2012) Banksy relata algumas de suas experiências no contexto urbano, o Artista relembra que teve uma epifania ao ter uma percepção sobre a técnica que resolveria seus problemas durante suas ações ilegais nas ruas. Banksy cita que aos 18 anos, estava criando intervenções urbanas na madrugada, onde tentava pintar as palavras *LATE AGAIN* (atrasado de novo) na lateral de um trem. Ao perceber a chegada dos policiais da ferrovia, correu para um emaranhado de arbustos, escondendo-se por horas embaixo de um caminhão.

Enquanto estava ali deitado, ouvindo os policiais andarem juntos aos trilhos, percebi que eu reduzia pela metade o tempo que levava para fazer uma pintura ou teria que desistir de vez. Eu fitava diretamente a marca em stencil no fundo de um tanque de combustível quando me toquei que podia copiar aquele estilo e fazer cada letra com cerca de um metro de altura. Finalmente cheguei em casa e me aninhei na cama ao lado da minha namorada. contei que aquela noite eu tinha experimentado uma espécie de epifania e ela mandou eu parar de usar essa droga, porque fazia mal para o coração. (Banksy, 2012, p.13)

Banksy fala de sua epifania ao revelar uma nova técnica para desenvolver seu trabalho, uma percepção a partir de suas práticas e observações no contexto

urbano, Neste resumo, descrevo minha experiência ao perceber os materiais utilizados e a relação de concentração necessária para compor minhas práticas.

2. METODOLOGIA

Em março de 2024 fui a cidade de Piratini desenvolver um mural de graffiti com meu colega do Programa de Pós Graduação em Artes da UFPel, Emanuel Santos, fazendo uma homenagem ao cantor Tim Maia a partir da música *Sossego*.

Encontramos uma fachada abandonada pela cidade, e após conversas com os vizinhos fomos até o muro compor o trabalho. Pintamos a fachada de azul, posteriormente, utilizando pincel, caligrafei em tipografia gótica, trechos da musica para compor uma estrutura no fundo. Neste dia, me propuz a constituir as letras que iria colocar na frase principal da música apenas com tinta spray. Nunca tive uma certa intimidade com a ferramenta e sempre constituí minhas práticas no contexto urbano com pincel. Utilizava a tinta em *spray* apenas para reproduzir chapas de estêncil e para fazer algum detalhe em minhas pinturas. O ambiente impreciso da rua, sempre se apresenta de forma hostil e curiosa. Constantemente estamos sendo observados no processo de feitura, criando uma certa tensão durante a constituição do trabalho. Iniciei a frase compondo as letras num breve esboço para encaixar no espaço. Pouco a pouco, fui criando mais intimidade com a ferramenta. Quando já estava no meio do processo da construção da frase, percebi que estava completamente imerso naquele instante pintando, dada a dificuldade de precisão do spray ao ser pressionado.



Figura 1. Emanuel Santos, Gerson Manzke, Sossego, intervenção urbana. Spray e tinta acrílica sob parede. Piratini, 2024.

Há diversos fatores técnicos para a utilização do spray, e naquele momento, estava me propondo a uma experiência plena com o material. O movimento do

braço ao utilizar a ferramenta, ao mesmo tempo em que aperto o cap¹ do spray com uma força proporcional para que a saída da tinta seja uniforme e consistente, sem exageros, que poderiam resultar em excessos e escorrer sobre a superfície. É como uma dança, o movimento do braço, juntamente com a pressão do dedo sobre a ferramenta e a percepção do olhar ao compor o trabalho. Estava extasiado, percebi que naquele momento, minha concentração era tão grande, que os sons exteriores desapareceram, os olhares dos transeuntes, os carros que trepidavam sobre o asfalto sumiram, estava completamente imerso naquela prática.

Ali, obtive uma epifania da técnica, como citou Banksy (2012) em seu relato, sentia-me completamente presente aquele gesto momentâneo. Quando saí deste estado pleno, do presente, aqui e agora, deparei-me com todo o cotidiano novamente à minha volta. O ruído dos carros trepidando sobre o asfalto sujo de terra, os olhares dos transeuntes que passavam, o som da música tocando em meu celular, ao mesmo tempo que Emanuel compunha seu trabalho tranquilamente ao meu lado.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Posteriormente, após essa experiência, percebi que diversas vezes em que estou praticando minhas tipografias, estou tão familiarizado com os signos, que não tenho a concentração plena, também percebi, que raros são os momentos de foco total numa ação ao caligrafar. A repetição do ato gestual já está introjetado em minhas coordenações motoras e visuais. Estou sempre pensando em outras coisas ou ouvindo uma outra coisa, preocupado com a vida cotidiana cada vez mais acelerada pela velocidade de informações em que vivemos no mundo contemporâneo.

Vera Chaves Barcellos, em sua performance *Momento Vital*, convida os espectadores a perceber o momento presente. A artista lê repetidas vezes a mesma frase, que vai se compondo a cada página, além disso, vera se dispõe ao estado pleno de sua feitura enquanto desenvolve sua leitura para os espectadores.

Eu estou aqui presente agora, olhando este texto e sentindo-me aqui, meus pés no chão e movo-me lentamente defronte a cada folha e meus olhos passeiam atentos as palavras que se sucedem, que se repetem e que se completam na busca de um todo que tenha um sentido, que tenha um começo, um meio e um fim (Barcellos, 1979).

O shodo², técnica da caligrafia japonesa, tem como método o estado pleno. Pratica-se a arte da caligrafia japonesa num momento de concentração plena do estado da prática. Ao utilizar a tinta, pincel e o papel, juntamente com o corpo e o espírito. Calígrafo e ferramenta se tornam um só, presentes no aqui, agora, como apresenta Miyashiro em seu artigo *Caligrafia Japonesa: quando tudo se torna um*:

A caligrafia japonesa valoriza o momento presente no seu fazer, mais do que a busca de uma forma perfeita e bem acabada. O registro da escrita no papel acaba sendo o retrato de um intervalo vivido, e, como na vida,

¹ Cap é uma ferramenta que possui diversas características para traço e pintura na tinta spray, utilizado para apertar a válvula da lata para soltar a tinta de seu recipiente e fixando sob a superfície.

² Shodô é formado pelos ideogramas 書 sho escrita e 道 dô caminho, ou “caminho da escrita”. O caminho da escrita shodô é mais uma das práticas das “Artes Zen” ou “Artes do Caminho” (Miyashiro, 2024).

não há volta. Para fazê-lo, é necessário uma entrega total (Miyashiro, 2009, p.04).

Ao perceber minha relação com as práticas desconectado do foco total, procurei entender melhor cada movimento que aplico sobre a superfície, encontrando um melhor entendimento do momento presente, os aspectos da concentração e do estado pleno no momento de feitura de minhas práticas. Ao final deste processo, desenvolvi um esboço para ser feito numa performance caligráfica, utilizando uma caneta tinteiro, sob papel, caligrafo a palavra “Borrar” consecutivas vezes, propondo um estado pleno da técnica e da concentração no momento presente da feitura e na observação da construção de cada signo visual e as minúcias a cada detalhe da composição, ao compor as letras da esquerda para direita utilizando a mão esquerda, modo tradicional da escrita ocidental, evidenciando o borrar de tinta que toca em minha mão e posteriormente a mão que encosta e borra o papel.



Figura 2 -Gerson Manzke, *Borrar*, Caneta tinteiro sob papel canson 300gm. 2024.

4. CONCLUSÕES

Concluimos que as interações estabelecidas entre as percepções práticas intensificam a relação entre memória e técnica na construção do signo visual, além de emergirem novos aspectos no ato de criação. Assim como observado na epifania de Banksy, a experimentação com novos materiais revela descobertas significativas para o artista pesquisador no campo. A prática da caligrafia japonesa, por sua vez, exercita um estado de presença plena, que não só sustenta novas práticas artísticas, como também gera reflexões posteriores ao gesto. Dessa forma, evidencia a estreita relação entre prática e autopercepção no momento presente, que é fundamental para o desenvolvimento contínuo de novos processos criativos no aqui, agora.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Banksy. **Guerra e spray**; Rio de Janeiro: Editora Intrínseca Ltda. 2012.

Miyashiro, R. T. Caligrafia Japonesa: quando tudo se torna um. **Japan Foundation**, São Paulo, p.1 – p.13, 2024.

UFMG. **Momento Vital**, Porto Alegre, 1979/2009. Acessado em 03 de set. 2024. Online. Disponível em: <https://eba.ufmg.br/colecaolivrodeartista/?p=217>